

LEITURA, LITERATURA E PSICOLOGIA: NOVOS ENCONTROS LITERÁRIOS NO UNIACADEMIA

ARRUDA, Isadora Vilela; ALMADA, Julia Maria da Mata; CHAGAS, Frederique Vasconcellos; MACHADO, Livia Rodrigues; MORAES, Dienifer Oliveira; SALGADO, Isabela Costa; SANTOS, Pedro Henrique Palma dos; SILVA, Luisa Cavalher Andre; LAURO, Monalisa Maria.

Resumo: O grupo *Leitura, Literatura e Psicologia* é um espaço de formação em habilidades relacionadas à leitura acadêmica e de discussão literária. Parte-se do princípio de que a promoção de habilidades de leitura, interpretação de textos e estruturação argumentativa, assim como o desenvolvimento de habilidades interpessoais, como empatia, alteridade, formação humana e ética, são fundamentais para a formação do discente em Psicologia. Nesse artigo, objetiva-se apresentar algumas reflexões produzidas pelos discentes do primeiro ao oitavo períodos do curso de Psicologia do UniAcademia, produzidas ao logo do segundo ano dos encontros literários.

Palavras-Chave: Leitura. Literatura. Psicologia. Ensino Superior.

1 INTRODUÇÃO

Como forma de promover habilidades de leitura, interpretação de textos e estruturação argumentativa – habilidades fundamentais para que o discente de psicologia consiga desenvolver uma discussão teórico-conceitual de textos filosóficos e psicológicos – foi criado, em 2023, o *Grupo Leitura, Literatura e Psicologia* no curso de Psicologia do Centro Universitário Academia (UniAcademia) de Juiz de Fora. Em seu segundo ano de realização, a proposta do grupo manteve seus dois objetivos principais. Por um lado, propiciar uma aprendizagem explícita de algumas habilidades e competências fundamentais à análise e à interpretação de textos, como, por exemplo, o reconhecimento de conceitos, teses e estrutura argumentativa. Por outro, ao considerar a leitura literária como um instrumento que desenvolve e amplia as capacidades de alteridade, empatia, imaginação, o grupo buscou promover encontros literários

que priorizam a reflexão sobre a condição humana a partir da leitura de obras clássicas da literatura nacional e internacional.

Com relação aos encontros literários, objeto de discussão nesse artigo, foram realizados encontros mensais ao longo do ano de 2024, nos quais, em participação livre, todos os alunos do curso de Psicologia foram convidados a participar conforme seu interesse pela obra ou autor escolhido em cada mês. Em média, cada encontro literário teve a participação de 07 alunos, que cursavam do 1º ao 8º períodos. Assim como ocorreu nos encontros literários de 2023, cada encontro teve um primeiro momento de breve apresentação do autor e da obra. Em seguida, os discentes foram convidados a apresentar as impressões pessoais despertadas na leitura, seguidas de reflexões e articulações com temas e/ou teorias psicológicas. Ao final de cada encontro, os alunos presentes propunham e escolhiam a obra do mês seguinte. Todas as obras escolhidas foram divulgadas no Instagram da instituição.

Nos encontros literários de 2024 foram lidas e discutidas quatro obras: **Os Sofrimentos do Jovem Werther** de Goethe; **A Redoma de Vidro** de Sylvia Plath; **Em Busca de Sentido** de Viktor Frankl; **Otelo** de Shakespeare. No que se segue, são apresentadas algumas reflexões produzidas ao longo de dois encontros literários. Antes, contudo, apresenta-se, ainda que de forma breve, alguns apontamentos sobre a importância vital da literatura para a vida humana.

2. LITERATURA E A CONDIÇÃO HUMANA

A proposta do *Grupo Leitura Literatura e Psicologia* parte do princípio de que a relação entre Literatura e Psicologia pode ser uma ferramenta importante na formação discente em Psicologia. E nesse sentido, está em acordo com que afirma Villela (2015), ao destacar que a literatura coloca o leitor em relação com diferentes aspectos da realidade humana, aprimorando sua sensibilidade às idiosincrasias e singularidades, assim como suas atitudes de respeito, empatia.

Mas para além disso, é preciso pensar o valor ou benefício da literatura como forma de transcendência e vivência da alteridade, como bem destaca Lewis (2020, p. 16), quando afirma que o homem não se contenta em viver confinado em um 'eu' e que no impulso de curar sua solidão busca "ver com outros olhos, imaginar com outras imaginações, sentir com outros corações, e

com os nossos próprios também” (Lewis, 2020, p. 17). Nesse sentido, o autor destaca que a literatura não apenas permite conhecer mundos novos e diferentes, mas vivenciá-los, vê-los através dos olhos dos outros, como se, em cada leitura, nos tornássemos outros “eus”.

Explorando ainda um pouco mais a possibilidade de transcendência através da literatura, Lewis (2020) considera também que os estudos literários nos elevam da condição do provincialismo, ou seja, retira o homem das limitações de seu próprio tempo e classe, fazendo-o se deparar com o passado. Longe de um saudosismo ingênuo, o que autor destaca aqui parece ser a formação de uma consciência histórica, que possibilita enxergar os erros e acertos do mundo presente. Portanto, não se trata de buscar nos livros do passado uma visão superior, mas sim uma forma de distanciamento do próprio tempo, como meio de desenvolver uma reflexão crítica e objetiva.

Com isso em mente, o *Grupo de Leitura, Literatura e Psicologia* mantém entre seus objetivos não só a leitura de obras modernas, mas também o incentivo à leitura dos textos clássicos, compreendendo que o valor de uma obra clássica é a transcendência de seu tempo, na medida em que carregam em si certos acertos e ensinamentos, mesmo que também cometam certos erros, e na medida em que são necessárias para minimizarmos a cegueira própria de cada época da existência humana.

3 EM BUSCA DE SENTIDO DE VIKTOR FRANKL

Viktor Frankl (1905-1997) nasceu em Viena no dia 26 de março de 1905, e é o fundador da Logoterapia, compreendida como uma abordagem psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista (Pereira, 2008), a qual tem como duas de suas principais influências a fenomenologia dos valores de Max Scheler e a analítica existencial fenomenológica de Martin Heidegger (Roehe, 2005). A Logoterapia também é conhecida como a “Psicoterapia do Sentido da Vida” ou a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia (Pereira, 2008) – as primeiras são a Psicanálise Freudiana e a Psicologia Individual de Adler (Allport, 1987; Frankl, 1987).

O psicoterapeuta foi vítima do governo nazista e, entre 1942 e 1945, foi prisioneiro em quatro diferentes campos de concentração, incluindo o de Auschwitz (Frankl, 1987; Roehe, 2005). Ele perdeu toda sua família nos campos ou em crematórios, com exceção de sua irmã. Morreram sua mulher, seus pais e seu irmão. Essa experiência, na qual ele se viu reduzido aos limites entre o ser e o não ser, foi referida por ele como o *experimentum crucis* para o desenvolvimento de suas ideias psicoterapêuticas (Allport, 1987; Roehe, 2005).

Frankl (1987) propôs a questão do sentido da vida como a motivação primária na existência de um indivíduo, diferenciando-se da proposta freudiana que a propunha como uma "racionalização secundária" de impulsos instintivos, e do foco de Adler na vontade de poder. O sentido, segundo sua teoria, seria exclusivo a cada pessoa, e não um elemento universal alheio à experiência singular. Conseqüentemente, a intervenção terapêutica e a compreensão do ser humano deveriam centrar-se na vontade de sentido (*logos*) (Roehe, 2005) e, também por esse motivo, em 1929 sua teoria foi batizada de Logoterapia (Etcheverry, 1990 *apud* Roehe, 2005).

Falecido no dia 2 de setembro de 1997 em Viena (Roehe, 2005), ao longo de sua trajetória acadêmica, Frankl foi professor em muitas universidades e recebeu títulos de *Honoris Causa* em diversos países, incluindo no Brasil, em 1984, quando presidiu o I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial – Logoterapia, em Porto Alegre. Foi também diretor da Policlínica de Neurologia de Viena por 25 anos e presidente da Sociedade Médica de Psiquiatria Austríaca (Frankl, 1987).

O livro **Em busca de sentido**, discutido no Encontro Literário de agosto de 2024, foi escrito pelo terapeuta em 9 dias ainda em 1945, e narra o período em que viveu nos campos de concentração. Ele pretendia publicá-lo anonimamente, porém, eventualmente cedeu a amigos e deixou seu nome ser colocado na capa. Em seu "Prefácio à edição de 1984", destaca-se que a obra já estava na sua septuagésima terceira impressão em inglês e que já fora publicada em outras dezenove línguas. Ainda naquela época, as edições em inglês já haviam vendido quase dois milhões e meio de exemplares (Frankl, 1987).

Embora o autor humildemente demonstre surpresa com essa recepção, é inegável o impacto de seu texto. Dividido em duas partes – o relato

autobiográfico "Experiências num Campo de Concentração" e a parte teórica "Conceitos Fundamentais de Logoterapia" – o livro aproveita o efeito produzido pelo registro narrativo como validação existencial do que propõe teoricamente, uma parte credibiliza a outra. O objetivo principal do texto, todavia, não era divulgar suas propostas acadêmicas ou trabalho como terapeuta e professor, mas sim acolher aqueles que com frequência se sentem desesperados (Frankl, 1987). Assim, Frankl (1987, p.5) afirma que gostaria de:

transmitir ao leitor, através de exemplos concretos, que a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis. E considerava que, se a tese fosse demonstrada numa situação tão extrema como a de um campo de concentração, meu livro encontraria um público. Consequentemente, me senti responsável pela tarefa de colocar no papel o que eu havia vivido.

Entre os conceitos apresentados por Frankl (1987) na parte teórica do livro está o de neurose noogênica, um adoecimento psicofísico relacionado à falta de sentido ou propósito na vida de uma pessoa. Surge quando o indivíduo sente que sua vida não tem um significado claro, ocasionando um profundo vazio existencial, que, por sua vez, pode gerar uma reação patológica (Santos, 2016). Essa sensação de falta de propósito é vista pelo psicoterapeuta como uma das principais causas de sofrimento psicológico na sociedade moderna.

A neurose noogênica não se associa necessariamente a condições físicas ou psicológicas específicas, mas sim à incapacidade de encontrar ou atribuir sentido às experiências da vida. Indivíduos que sofrem dessa condição frequentemente experimentam sentimentos de desesperança, vazio e desorientação, os quais podem levar a sintomas de depressão, ansiedade e comportamento autodestrutivo. A falta de um propósito claro, por conseguinte, pode se manifestar em várias formas de sofrimento. Nesses casos, muitas vezes não é possível identificar uma causa evidente para os sintomas, uma vez que o problema se encontra na esfera existencial (Frankl, 1987).

Dessa forma, pode-se observar que essa concepção de neurose é distinta do conceito proposto por Freud, para quem a neurose refere-se a um distúrbio psicológico que se caracteriza por conflitos internos não resolvidos, geralmente de natureza inconsciente, que geram sintomas psíquicos e comportamentais. Esses conflitos decorrem de desejos, impulsos ou traumas recalcados, que o

indivíduo não consegue integrar à sua consciência (Freud, 2016; Roudinesco; Plon, 1998).

Para Freud, a mente humana é dividida em três instâncias: id, ego e superego. A neurose surge quando há um desequilíbrio entre essas instâncias, especialmente quando o ego – responsável pela mediação entre os impulsos do id e as exigências do superego e da realidade externa – não consegue lidar com a angústia decorrente das pressões internas e externas, fazendo uso de seus mecanismos defensivos. Quando o ego não consegue reprimir ou lidar com essas pressões, surgem sintomas neuróticos, como fobias, comportamentos obsessivo-compulsivos e histerias (Freud, 2016; Roudinesco; Plon, 1998).

Assim Freud (2016) acreditava que esses sintomas eram manifestações simbólicas de desejos inconscientes, frequentemente ligados a experiências de infância, e que tornar consciente o conteúdo inconsciente poderia provocar a cura. Isso porque trazer esse conteúdo à consciência permitiria que fosse reelaborado. Para ele, o tratamento dos sintomas da neurose aconteceria por meio da técnica da livre associação, que permitiria ao paciente interpretar seus pensamentos, sonhos e sentimentos reprimidos e assim alcançar o entendimento dos conflitos inconscientes e o alívio dos sintomas. Portanto, o psicanalista via o sofrimento neurótico como um reflexo das complexidades e do funcionamento da psique humana.

Com base nisso, pode-se observar que a neurose na teoria psicanalítica e a neurose noogênica proposta por Frankl têm compreensões distintas quanto à origem ou natureza e ao tratamento. Para Frankl (1987), como anteriormente mencionado, a neurose noogênica não está relacionada à dimensão psicológica, ou seja, a conflitos instintivos ou traumáticos do passado nem está ligada ao inconsciente e aos mecanismos de defesa do ego. Caracteriza-se, ao contrário, pelas sensações de vazio existencial, falta de propósito ou direção, sendo compreendido, como um sofrimento relacionado à dimensão existencial humana. Nesse sentido, a teoria de Frankl nos apresenta uma visão antropológica, em que reconhece o homem como um ser biopsicossocial-espiritual, entendendo que, sua dimensão espiritual (ou existencial) é fundamental na compreensão do sofrimento humano (Frankl, 2020).

Enquanto para Freud a chave da cura está no entendimento dos conteúdos inconscientes e na resolução de conflitos internos, a logoterapia visa

ajudar o paciente a encontrar e realizar sentidos em sua vida, focando na liberdade existencial de escolhas e na responsabilidade pessoal de busca de sentidos, mesmo nas situações mais difíceis, como a enfrentada por Frankl nos campos de concentração nazistas (Frankl, 1987).

Nesse cenário específico, um dos trechos mais marcantes do livro **Em busca de sentido** é aquele no qual Frankl relata como era possível saber quando um prisioneiro tinha perdido a atitude de busca de sentido, estando prestes a tirar a própria vida. Segundo ele, durante o tempo vivido em aprisionamento no campo de Auschwitz, era possível observar pessoas que não viam perspectiva de melhora em sua situação e fumavam todos seus maços de cigarro de uma vez só; uma atitude que antecipava o ato de se jogar contra o arame elétrico do campo, em uma tentativa de acabar com a própria vida e interromper o sofrimento (Frankl, 1987).

Outro aspecto relevante a ser destacado a partir da leitura do livro é o fato de que, mesmo sendo semelhantes do ponto de vista psíquico e submetidos aos mesmos condicionantes – como pode-se observar em termos de mecanismos cognitivos de percepção, de organização e processamento de estímulos e informações captados do ambiente (Stenberg, 2010) –, dois prisioneiros no campo de concentração, ao receberem a mesma informação, reagem a ela de forma diferente. Isso aconteceu com o próprio Frankl, que, diante do sofrimento inevitável, mudou a si mesmo, enquanto um outro prisioneiro tirou a própria vida. A razão para decisões tão diferentes, segundo o próprio autor, encontra-se na dimensão espiritual, e não puramente em características psíquicas.

No livro **A divina comédia** de Dante Alighieri (1955), o protagonista deve passar por uma porta para entrar no inferno, e no topo da entrada tem um arco com o seguinte aviso: “Deixai toda a esperança, vós que entrais!”. Simbolicamente, é como se aqueles prisioneiros, que se jogaram contra o arame elétrico, perdessem a esperança ao passar pela porta do campo de concentração. Ao passo que Frankl (1987) manteve-se firme, afirmando que tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida. Mesmo estando diante de um cenário repleto de muita dor e sofrimento, ele fez um acordo consigo mesmo de que não iria desistir.

Aqui cabe destacar que, para Frankl (2012), a busca por sentido é uma condição humana constante na medida em que a existência sempre envolve uma tensão entre o ser e aquilo que se deve tornar-se. E como essa busca em direção ao sentido da existência não é dada em si mesmo, o homem tem que abrir-se para o mundo, seja produzindo e entregando algo para o mundo – aquilo que se dá ou cria para o mundo, como valor de produção –, seja experimentando e recebendo algo do mundo, como no encontro com quem se ama – o que corresponde aos valores de vivência –, seja, por fim, através da atitude tomada perante aquilo que é imutável na vida, na busca de vivenciar tal situação com dignidade e com coragem – como valor de atitude –, como é bem apresentada ao longo do livro **Em busca de sentido**.

4 OTELO DE SHAKESPEARE

William Shakespeare, considerado um dos maiores dramaturgos, poetas e atores ingleses da história, é amplamente conhecido por suas obras que abrangem vários temas como dramas, comédias, tragédias e sonetos que falam sobre a complexidade humana. Suas obras mais famosas, **Romeu e Julieta**, **Hamlet** e **Macbeth** são um marco para a literatura mundial, mas entre suas tragédias mais notáveis está **Otelo**, uma obra que retrata paixões intensas, como ciúme e intrigas políticas (Pinto; Domingos, 2018).

Na obra **Otelo**, Shakespeare constrói uma trama em que Otelo, um general a serviço do estado veneziano, casa-se, em segredo, com a filha de um nobre. No desenrolar da trama um alferes, movido por pura inveja, convence Otelo de sua esposa o traiu. Após ser levado a acreditar nessa mentira, Otelo se afunda em ciúmes doentios, levando a um desfecho trágico.

A partir da perspectiva da Psicologia Cognitiva, pode-se observar a partir do protagonista, Otelo, o processo de regulação emocional, que consiste na capacidade de retornar ao estado inicial, após passar por um evento emocional, remediando e alterando o evento por uma questão de melhor adaptação ou até mesmo por uma questão individual (Eysenck; Keane, 2017). No caso do personagem Otelo, contudo, essa capacidade apresenta-se em defasagem, e assim ele apresenta emoções intensas e comportamentos governados por

outras pessoas, resultando em arrependimento futuro e em atitudes que ocasionaram toda a tragédia da obra.

Ademais, **Otelo** também é uma obra que apresenta um exemplo claro de viés de confirmação. Conforme a abordagem da Psicologia Cognitiva, no raciocínio dedutivo – que extrai de princípios e leis gerais conclusões particulares – é possível ocorrer diversos atalhos heurísticos, que podem levar a conclusões ambíguas, prejudiciais e perigosas em determinadas situações. O viés de confirmação pode ser compreendido como uma heurística, e a partir dele, o indivíduo procura a confirmação daquilo que crê, em contraposição à sua falsificação. Segundo Kassin *et al* (2103, p.44), trata-se de uma "a classe de efeitos por meio da qual crenças preexistentes, expectativas, motivos e contexto situacional de um indivíduo influenciam a coleta, a percepção e a interpretação das evidências". Nesses casos, aquele que raciocina tende a acreditar na validade de conclusão, mesmo que sua lógica esteja incorreta. Em **Otelo**, o protagonista é levado a acreditar que sua esposa o traia. Assim, o vilão alferes envenena a percepção de Otelo e se utiliza desse “atalho cognitivo” para seguir com seu plano maquiavélico, uma vez que qualquer coisa que ocorresse, mesmo leviana, passou a servir como confirmação para a ideia de que Otelo estava sendo traído, inflamando as paixões e os ciúmes do mouro de Veneza.

Uma outra possível relação entre a obra **Otelo** e a Psicologia pode ser pensada a partir da ótica da Psicologia Comportamental. Durante toda a trama, o que se mostra mais presente e movimenta toda a obra é o comportamento verbal, que de maneira direta influencia os personagens e modifica suas crenças e valores. Um exemplo claro disso, aparece no personagem Iago, o alferes de Otelo e um de seus maiores confidentes. Ele constantemente manipula Otelo e leva outros personagens a aderir ao seu plano através de mentiras e pedidos disfarçados, o que, segundo a Análise Comportamental seriam tato distorcido e mando disfarçado. O tato distorcido trata-se de uma descrição verbal de um estímulo antecedente realizada (intencionalmente ou não) de forma exagerada ou incompatível com a realidade do estímulo, como é exemplificado na passagem da obra:

Passei com Cássio uma das noites últimas; mas por estar sentindo dor de dentes, não podia dormir. Ora, há pessoas de alma tão largada que

no sono revelam seus negócios. Cássio é dos tais; pois estando a dormir, ouvi quando ele murmurava: “Desdêmona querida, sejamos cautelosos, encubramos bem nosso amor!” (Shakespeare, 2017, p.98).

O mando disfarçado refere-se a pedidos que se apresentam com uma roupagem descritiva, como no exemplo abaixo:

Senhor, perdoai-me; mas conquanto obrigado esteja a todos os atos do dever, sinto-me livre para me recusar a fazer algo que dos próprios escravos não se exige. Qual é o palácio em que não se introduzem, por vezes, coisas sujas? E que peito tão puro pode haver, que não contenha culpáveis apreensões, que não se assentem nos tribunais, para emitir sentenças lado a lado às ideias mais legítimas? (Shakespeare, 2017, p.84).

É interessante notar que, no começo da trama, o pai de Desdêmona, esposa de Otelo, diz: “Mas palavras são palavras. Até hoje nunca ouvi dizer que meras palavras pudessem alguma vez trazer consolo a alguém que está profundamente ferido” (Shakespeare, 2011, p.41); em uma clara oposição à ideia de que a linguagem possa influenciar eventos privados e encobertos. Contudo, o desenrolar da história consistentemente contraria essa afirmação inicial. Iago, o principal antagonista, domina a habilidade de usar autoclíticos e instrumentaliza suas palavras de forma a mobilizar outras pessoas a agir de acordo com seus próprios interesses e conduzir a trama a um desfecho de sua preferência, sem precisar agir diretamente, apenas usando o poder da linguagem para modificar o outro. Isso é coerente com um dos pressupostos da Psicologia Comportamental, segundo o qual todos os seres humanos estão sensíveis uns aos outros por meio de reflexo incondicionado, ou seja, não precisam passar por nenhum tipo de aprendizagem para responder a outras pessoas. Além disso, a linguagem é a única ferramenta capaz de permitir com que o ambiente acesse os eventos encobertos de um indivíduo, ou seja, eventos que acontecem dentro do organismo e não podem ser observados publicamente, como sentimentos e pensamentos (Hubner; Moreira, 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse artigo foi apresentar algumas reflexões e apontamentos que a leitura literária despertou nos alunos de psicologia do UniAcademia, ao participarem dos encontros literários promovidos pelo *Grupo Leitura, Literatura e Psicologia*, ao longo do ano de 2024. Espera-se que as atividades promovidas pelo grupo também possam promover uma melhora na formação acadêmica desses discentes, ao favorecer hábitos de leitura, estratégias de análise de textos, e, ao possibilitar um diálogo entre literatura e psicologia, aprimorar suas habilidades interpessoais.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo - SP: Atena, 1955.
- ALLPORT, G. W. Prefácio à edição norte-americana de 1984. *In*: FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução: Walter O. Schlupp, Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- EYSENCK, M. W; KEANE, M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- FRANKL, V. Emil. O homem na busca por um sentido derradeiro. *In*: FRANKL, V. **Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas**. Rio de Janeiro: Editora Forense LTDA, 2012. p. 279-302.
- FRANKL, V. **Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2020.
- FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HUBNER, M. M. C.; MOREIRA, M. B. **Fundamentos de Psicologia: Temas clássicos da psicologia sob a ótica da análise do comportamento**. 1º edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- KASSIN, S.M.; DROR, I. T. KUKUCHA, J. The forensic confirmation bias: Problems, perspectives, and proposed solutions. **Journal of Applied Research in Memory & Cognition**, v. 2, n. 1, 2013.

DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jarmac.2013.01.001> Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257741822_The_forensic_confirmation_bias_Problems_perspectives_and_proposed_solutions. Acesso em: 1 dez. 2024.

LEWIS, C. S. **Como cultivar uma vida de leitura**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

PEREIRA, I. S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. **PSICO**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 159-165, abr./jun. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/isavi/Downloads/Dialnet-MundoESentidoNaObraDeViktorFrankl-5161613.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

PINTO, A. G.; DOMINGOS, A. C. M. William Shakespeare. **Tradução em Revista**, v. 2023, n. 35, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35382/35382.PDF> Acesso em: 5 dez. 2024.

ROEHE, M. V. Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. **PSICO**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 311-314, set./dez. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/isavi/Downloads/Dialnet-RevendoIdeiasDeViktorFranklNoCentenarioDeSeuNascim-5161603.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2024.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTOS, D. M. B. dos. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.68, n.2, p. 128-142, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v68n2/v68n2a11.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2024.

SHAKESPEARE, W. A tragédia de Otelo: O Mouro de Veneza. São Paulo: Editora Martin Claret, 2017.

STENBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

VILLELA, F. S. L. **Psicologia e literatura: a experiência literária na formação do psicólogo**. 150f. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04042016-115646/publico/villela_do.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.